

Sistema investigado

SAMANTA SALLUM E

HELENA MADER

DA EQUIPE DO CORREIO

Falta de materiais cirúrgicos, profissionais e espaço físico. Falhas na captação de órgãos, dificuldade para diagnosticar morte cerebral e identificar possíveis doadores. Todos esses problemas que quase enterraram o programa de transplantes do Distrito Federal estão em um relatório do Departamento Nacional de Auditoria do Sistema Único de Saúde (Denasus). Auditores do órgão fizeram uma apuração minuciosa das condições de atendimento do Hospital de Base e divulgaram o relatório na sexta-feira. Eles constataram que, devido ao baixo número de cirurgias, seriam necessários 31 anos para que todos os inscritos na fila de espera por um transplante renal fossem atendidos.

O Denasus ainda vai fazer outra auditoria para investigar os gastos do Governo do Distrito Federal com hemodiálise. O Tribunal de Contas da União aprovou por unanimidade um relatório sobre o Sistema Nacional de Transplantes e recomendou a realização de uma análise para verificar a eficiência na utilização dos recursos no Distrito Federal. Na semana que vem, auditores do departamento se reúnem para definir o grupo que vai trabalhar na missão. Uma série de reportagens publicada pelo Correio Braziliense em abril mostrou que o governo gastou R\$ 11,9 milhões com hemodiálise no ano passado. Em 2005, os gastos com medicamentos e cirurgias de transplante somaram R\$ 2,72 milhões, quatro vezes menos do que os valores investidos em hemodiálise. As clínicas particulares recebem quase 90% dos recursos repassados pelo Ministério da Saúde.

O relatório do Denasus divulgado na semana passada foi repassado à Secretaria de Saúde, que tem 15 dias para apresentar justificativas por escrito. O chefe da Central de Doação e Captação de Órgãos, Lúcio Lucas Pereira, garante que 70% dos problemas apontados pelo relatório já foram sanados ou são improcedentes. "O documento diz que a central não funciona 24 horas por dia, o que é falso. Sempre há funcionários de plantão. Os auditores afirmam que há problemas nas comissões intra-hospitalares, mas o secretário de Saúde, José Geraldo Maciel, já convocou os diretores de hospitais regionais para melhorar o funcionamento dessas comissões", explica Lúcio Lucas.

Equipamentos

A auditoria foi realizada em novembro do ano passado, mas os técnicos do Denasus analisaram o funcionamento da central e do Hospital de Base durante o período de janeiro a maio de 2005. Nessa época, o programa de transplantes ainda estava abandonado. O atual secretário de Saúde, José Geraldo Maciel, assumiu a pasta em março e começou a fazer investimentos para reverter o quadro. No ano passado, ne-

Breno Fortes/CB



DIAGNÓSTICO DE DIABETES E HIPERTENSÃO DEIXOU MARIA IZENAURA DA SILVA EM ALERTA: MUDANÇAS NA ALIMENTAÇÃO, ATIVIDADE FÍSICA E EXAMES PERIÓDICOS PARA NÃO DESENVOLVER A DOENÇA RENAL

ALERTA RENAL

- Pressão alta
- Diabetes
- Dificuldade de urinar
- Queimação ou dor quando urina
- Urinar muitas vezes, principalmente à noite
- Urina com aspecto sanguinolento
- Urina com muita espuma
- Inchaço ao redor dos olhos e das pernas
- Dor lombar
- História de pedras nos rins

Fonte: Sociedade Brasileira de Nefrologia

MINISTÉRIO DA SAÚDE
DEPARTAMENTO NACIONAL DE AUDITORIA DO SUS - DENASUS
COORDENAÇÃO GERAL DE AUDITORIA - CGAUD

NOTA TÉCNICA - AUDITORIA 3368

CONSTATACOES

O HBDF apresenta estrutura física compatível para a realização dos procedimentos referentes a transplantes, de acordo com a Portaria GM/MS 3407/98, para os quais está credenciado, todavia apresenta deficiência no que se refere a materiais médico-cirúrgicos, medicamentos, profissionais médicos anestesiistas e enfermeiros e disponibilidade de vagas no Centro Cirúrgico e UTI.

O HBDF não possui salas exclusivas no Centro Cirúrgico para realização de transplantes renais e de córneas. Utiliza as salas cirúrgicas das Unidades de Urologia e Oftalmologia.

São priorizados procedimentos cirúrgicos de urgência e emergência em detrimento de transplantes que são consideradas cirurgias eletrivas.

Ocorrem suspensões de cirurgia, quer seja por problemas próprios do paciente, quer seja por falta de materiais, tais como fios de sutura, oxigenador, campos cirúrgicos estériles, instrumental cirúrgico, sonda de foley uretral, coletor fechado, falta de condições para realização de exames radiológicos, kit para heparinização.

Todas as enfermarias da Unidade de Transplante Renal possuem janelas que dão para a parte externa do prédio, porém, sem ventilação para as áreas utilizadas pelos profissionais de saúde.

A Unidade de Transplante Renal não conta com enfermeiros rotineiramente no período noturno.

RELATÓRIO DA AUDITORIA DO DENASUS: DENÚNCIAS CONFIRMADAS

nhum transplante renal havia sido realizado até setembro. Nos últimos três meses do ano, foram feitas 29 cirurgias no Hospital de Base.

O relatório do Denasus afirma que o Hospital de Base tem "deficiência no que se refere a materiais médico-cirúrgicos, medicamentos, profissionais médicos anestesiistas e enfermeiros, e disponibilidade de vagas no centro cirúrgico e UTI". Os auditores do departamento vinculado ao Ministério da Saúde também encontraram

problemas de infra-estrutura como falta de ventilação nas enfermarias da unidade de transplante renal.

Outro problema apontado pela auditoria do Denasus é a dificuldade para diagnosticar pacientes com morte encefálica, que são doadores em potencial. Mas a Secretaria de Saúde já comprou equipamentos como o eletroencefalograma e um ecodoppler portátil. Com esses aparelhos, funcionários da comissão intra-hospitalar de transplante podem

identificar a morte cerebral e abordar a família dos doadores. De acordo com a secretaria, cerca de 70% das famílias ainda se recusam a fazer a doação. O secretário José Geraldo Maciel prometeu dobrar o número de transplantes renais realizados no DF até o ano que vem. Maciel também anunciou a criação de uma área para cirurgias no Hospital Regional da Asa Norte. Atualmente, o Hospital de Base é a única unidade de saúde pública credenciada para fazer os procedimentos.

Saída é a prevenção

Existem em Brasília cerca de 800 doentes renais. Em 2010, o número deve chegar a 1.520. Para reduzir a quantidade de pacientes que necessitam de hemodiálise, a receita é simples: investir na prevenção do diabetes e da hipertensão. Isso porque essas doenças são as principais causas da insuficiência renal no Brasil. O diagnóstico precoce pode evitar o aparecimento de complicações no futuro e a necessidade de filtrar o sangue artificialmente.

A professora Maria Izaura da Silva, de 44 anos, recebeu o diagnóstico de diabetes há três anos. Pouco depois, ela descobriu que também era hipertensa. "Como minha mãe tinha problemas renais, logo fiquei com medo de desenvolver a doença também. Por isso comecei a me cuidar bastante", conta a professora. Izaura entrou em um grupo de atividades físicas para diabéticos da Universidade de Brasília (UnB) e faz exames periódicos. Além disso, melhorou a alimentação. "Não dá para brincar com essas coisas. Cortei o açúcar e comecei a fazer exercícios físicos."

O médico nefrologista Rafael de Aguiar Barbosa, da Associação Brasileira de Transplante de Órgãos (ABTO), explica que há formas de controlar o

diabetes e a hipertensão e evitar que as doenças renais aparem. "Com dietas alimentares e medicamentos, é possível controlar essas doenças. Antigamente, infecções renais como as nefrites eram as principais causas da insuficiência renal. Mas hoje, o diabetes e a hipertensão são os grandes vilões", explica o especialista.

Ele lembra da importância da prevenção para evitar que os problemas renais atinjam um número cada vez maior de pacientes. "É preciso garantir o acesso às unidades de saúde e aos medicamentos, que na maioria das vezes são muito caros. A prevenção deve ser feita nos ambulatórios e centros de saúde de uma forma integrada, multidisciplinar", justifica o médico nefrologista.

Cerca de 40 mil diabéticos estão cadastrados na Secretaria de Saúde. Na rede pública, a prevenção é organizada pelo Núcleo do Programa de Atenção Integral à Saúde do Adulato. O objetivo do núcleo é justamente combater o crescimento da hipertensão e do diabetes nos centros de saúde. No Distrito Federal, estima-se que existam 130 mil hipertensos. Mas apenas 47 mil pacientes estão cadastrados e em tratamento.